



# Questão de tempo: a idade e o processo de palatalização progressiva no sertão de Alagoas.

Aldir Santos de Paula <sup>1</sup>  
Geicilayne Tavares Pelayes <sup>2</sup>

---

## RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo investigar o processo da palatalização das oclusivas alveolares produzidos em Santana do Ipanema, comunidade sertaneja do interior de Alagoas, sob a ótica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), fazendo a contraposição dos dados linguísticos coletados com a variável faixa etária. Pesquisas anteriores apontaram para uma maior produtividade da palatalização progressiva no Nordeste (SANTOS, 1996; MOTA; ROLEMBERG, 1997; HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014; OLIVEIRA, 2017; SOUZA NETO, 2020; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2021). Nesta cidade, o uso mais recorrente é o da palatalização progressiva, em que o elemento fonológico que dispara o processo está localizado em posição anterior às oclusivas alveolares, em palavras como “gos[tʃ]o” e “fes[tʃ]a” e são condicionadas principalmente pela idade do colaborador. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, tais dados foram analisados estatisticamente com o auxílio do Programa Goldvarb X. Observou-se dois contextos que disparam o processo em Santana do Ipanema, são eles: a semivogal [j] em posição anterior às oclusivas e a fricativa /S/ nesta mesma posição. A partir das análises estatísticas, é possível perceber que os dois contextos investigados apresentam comportamentos diferentes no que se refere à palatalização das oclusivas alveolares, resultado que corrobora com o estudo de Oliveira (2017) e Oliveira; Oliveira (2021). Concluiu-se que o fenômeno da palatalização progressiva em Santana do Ipanema é mais acentuado na medida em que aumenta a idade do falante.

---

## PALAVRAS-CHAVE:

Sociolinguística  
Variacionista;  
Palatalização;  
Variação linguística.

---

<sup>1</sup>Possui graduação em Letras pela UNICAP, mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Titular da Universidade Federal de Alagoas.

<sup>2</sup>Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Licenciada em Letras Português/Literatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

## 1 Introdução

A linguagem humana se diferencia dos demais sistemas simbólicos por ser segmentável em unidades menores, em número finito, e que se recombina para expressar ideias diferentes. Sabe-se também que a língua é variável e que muda através do tempo (Cf. Labov, 2008 [1972]). Em particular, observa-se que o português brasileiro (doravante PB) é rico em diversidade linguística. Sistematizar e explicar um fenômeno de uma variedade desta língua é o que se propõe com o presente estudo.

Pesquisas fonético-fonológicas sobre as variedades dialetais existentes no Nordeste brasileiro têm sido ampliadas, embora, muitas cidades, especialmente as mais distantes das capitais ainda careçam de pesquisas, uma vez que os estudos desta natureza ainda se voltam apenas para as grandes cidades. Por esse motivo, Santana do Ipanema foi escolhida para sediar esta pesquisa, uma vez que se trata de uma cidade de interior com pouca visibilidade em estudos sociolinguísticos.

Câmara Jr (1970, p.36) põe as oclusivas e fricativas em contraste, afirmando que ambas têm em comum a circunstância de serem francamente consonânticas “com um efeito auditivo de forte embaraço à corrente de ar, que nas oclusivas é o de uma plosão e nas constrictivas o de uma fricção”. O processo de palatalização pelo qual passam os fonemas consonantais /t/ e /d/ consiste no levantamento da língua em direção à parte posterior do palato duro, ou seja, a língua direciona-se para uma posição anterior, mais para a frente da cavidade bucal do que normalmente ocorre quando se articula um determinado segmento consonantal. Essa palatalização geralmente acontece com consoantes seguidas de /i/, e /e/, tanto orais quanto nasais. (SILVA, 2005).

Há, na literatura especializada, vários trabalhos sobre o processo de palatalização que ocorre na fala de diferentes regiões do Brasil. Marroquim (1934) aponta o uso desta variante nas regiões de Alagoas e Pernambuco, no entanto, até então, não se tinha registro de estudo restrito deste fenômeno na região analisada.

O fenômeno da palatalização tem sido alvo de estudos nos mais diversos lugares no Brasil. Trabalhos como o de Bisol (1986), Bisol (1991), Sassi (1997), Almeida (2000), Pagotto (2001), Bopp (2002), Kamianecy (2002), Pires (2003), Pagotto (2004), Battisteet al (2007) e Dutra (2007) representam o estudo do processo de palatalização na região Sul do país. No que diz respeito à região Sudeste, podemos citar o trabalho de Carvalho (2002). Na região Nordeste do país, trabalhos como o de Hora (1990), Hora (1995), Mota (1995), Santos (1996), Mota e Rolemberg (1997), Henrique e Hora (2012), Souza Neto (2014), Oliveira (2017), Souza Neto (2020), Oliveira e Oliveira (2021) entre outros, são referência na descrição do processo de palatalização.

Há dois contextos fonológicos possíveis para a produção da palatalização dos fonemas /t/ e /d/, são eles: o contexto regressivo, quando a consoante é seguida de /i/

como em "dia" [dʒia]; e o contexto progressivo, quando a vogal /i/ antecede a consoante com em "doido" [doidʒu].

Vale destacar que os estudos feitos na região Sul e Sudeste do país têm como foco descrever a palatalização regressiva, enquanto os trabalhos da região Nordeste são voltados para a descrição da palatalização regressiva e progressiva. Esta última tem se mostrado mais produtiva na região nordestina, de acordo com os trabalhos mais recentes, como Oliveira (2017), Souza Neto (2020), Oliveira e Oliveira (2021), entre outros e constitui também o enfoque desta pesquisa.

Assim, este estudo objetiva descrever e analisar a atuação do fator Faixa etária em relação aos processos de palatalização das oclusivas alveolares em contexto fonológico progressivo ocorrente em Santana do Ipanema, uma vez que esta variável mostrou uma grande significância estatística e favorecimento no processo, assim como nos estudos de Oliveira (2017) e Oliveira; Oliveira (2021).

A fim de mensurar a relação do fator Faixa Etária e os processos de palatalização de /t/ e /d/ por falantes santanenses, estruturamos este texto da seguinte forma: além desta seção introdutória, abordamos a seguir algumas considerações sobre sociolinguística; na seção seguinte, descrevemos a metodologia utilizada neste estudo; mais adiante, analisamos e discutimos os resultados obtidos, e, por fim, fazemos considerações sobre as discussões levantadas, ressaltando os pontos mais importantes da análise.

## 2 Um olhar Sociolinguista

A sociolinguística variacionista, doravante SV, também chamada de teoria da variação e mudança linguística ou ainda de sociolinguística laboviana, é uma disciplina da linguística que estuda os aspectos resultantes da relação entre língua e sociedade, concentrando-se em especial na variabilidade social da língua, de forma que busca investigar a relação entre aspectos sociais e a realização linguística do falante em sua comunidade de fala<sup>3</sup> ao tempo ou em paralelo em que investiga os efeitos dos usos linguísticos na sociedade.

Em vista disso, a melhor forma de explicar a variação linguística é fazer uma análise das condições sociais em que se encontra o fenômeno em análise, usando os fatores sociais para explicar como se dá a distribuição e mutação que o fenômeno pode sofrer, a fim de demonstrar a sistematicidade do uso.

De acordo com Labov (2008 [1972]):

---

<sup>3</sup> Para Labov (2008 [1972], p. 150), uma comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso dos elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação, que são invariáveis no tocante a níveis particulares de uso.

Se levarmos a sério o conceito de língua como uma forma de comportamento social, fica evidente que qualquer avanço teórico na análise do mecanismo da evolução linguística contribuirá diretamente para a teoria geral da evolução social. Quanto a isso, é necessário que os linguistas refinem e ampliem seus métodos de análise estrutural para o uso da língua em sociedades urbanas complexas. Para tanto, a linguística pode se valer agora de técnicas de metodologia de pesquisa; mais importante, muitas das abordagens teóricas da linguística podem ser reinterpretadas à luz de conceitos mais gerais de comportamento social desenvolvidos por outras ciências sociais. Assim, as principais conquistas da ciência linguística, que outrora pareceram remotas e irrelevantes para muitos sociólogos, podem finalmente ser vistas como consistentes com a atual orientação da sociologia e valiosas para a compreensão da função social e da mudança social. (LABOV, 2008 [1972], p. 150)

Podemos perceber, a partir das palavras de Labov, sua preocupação com uma teoria linguística refinada que leve em consideração a função social da língua, mas também tenha um aporte metodológico que dê conta de explicar os fenômenos linguísticos existentes na língua, contribuindo, dessa forma, para uma teoria geral da evolução linguística e social.

Camacho (2009, p. 61) afirma que “o estudo de uma unidade com características da variável lingüística só é possível no interior de um arcabouço teórico que abandone o postulado ainda vigente de categoricidade, o que de pronto se deu com a Sociolinguística laboviana”. Os estudos sociolinguísticos visam a relação entre a língua e a sociedade, tendo como objetivo principal a sistematização de variantes linguísticas.

A partir da coleta de dados em situações reais de comunicação, a Teoria da Variação linguística analisa exemplares da língua em uso num contexto social e pode dirigir, assim, seu foco de interesse imediato para condicionamentos externos. De acordo com Labov (2008 [1972], p. 238) “A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos”. A saber, a heterogeneidade não é apenas comum, mas o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais.

As variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes equivalentes. É necessária a identidade de contextos para que duas ou mais variantes possam ser atribuídas à mesma variável. Partindo do pressuposto de que os diferentes grupos de fatores linguísticos não atuam isoladamente, tem-se então, a necessidade de uma análise cuidadosa que leve em conta a influência de condicionamentos dos diversos níveis sobre a realização da variável em estudo. A abordagem metodológica da Sociolinguística Variacionista tem como foco a análise quantitativa de dados, coletados através de gravação de voz, a fim de demonstrar estatisticamente a variabilidade e a relevância das ocorrências presentes nos dados obtidos.

A Teoria da Variação é conhecida também como ‘Sociolinguística quantitativa’, pois se utiliza de estatística para descrever e analisar os dados coletados. Esse modelo teórico,

proposto por Labov, segue uma agenda específica de passos que devem ser observados para uma análise eficiente dos dados. Para Guy e Zilles (2007, p. 73), “o uso de métodos estatísticos, contudo, permite demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras”.

Sobre a análise quantitativa, Tarallo (2009, p.49) aponta que

O tratamento estatístico dos dados indicará que certos grupos de fatores são, na realidade, responsáveis pela implementação de uma variante e que outros, ao contrário, não demonstram qualquer efetividade na aplicação da regra variável.

É a partir da análise estatística que descobrimos se os fatores elencados exercem ou não, implicação sobre o uso da variável dependente.

Sendo assim, não basta que o pesquisador somente se detenha aos quantitativos obtidos, mas também, tenha um olhar preciso para entender quais fatores influenciam a variável que se objetiva estudar.

### 3 Metodologia

A coleta de dados para este trabalho foi realizada de acordo com as orientações metodológicas da SV (Labov, 2008 [1972]). Esta pesquisa é de cunho quantitativo, por isso foram feitas análises estatísticas com o Programa Goldvarb X para descrever o comportamento da variante dependente em contexto fonológico progressivo em Santana do Ipanema.

Para a realização desta pesquisa, foram entrevistadas 20 pessoas estratificadas por sexo, masculino e feminino; idade, em duas faixas que variam entre 22 e 48 anos e acima de 52 anos; não houve estratificação de escolaridade, uma vez que analisamos apenas um nível de ensino, superior. Como critério para participar desta pesquisa, os colaboradores deveriam ser nascidos em Santana do Ipanema, ou ter vindo para esta cidade com até cinco anos de idade e não ter saído para morar em outro lugar a menos de dois anos.

Os dados analisados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, leitura de enunciados e leitura de texto curto.

#### 3.1 Local da pesquisa

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE -2021), a cidade de Santana do Ipanema está localizada na Mesorregião do sertão alagoano, microrregião de Santana do Ipanema, centro-norte do sertão. Os primeiros habitantes

do lugar foi o povo Fulni-Ô<sup>4</sup> que pertenciam à tribo localizada na serra de Águas Belas, no estado de Pernambuco. Eles viviam espalhados ao longo das margens do rio Ipanema e foram afugentados pelas chamadas “Entradas e Bandeiras” (Descedores e Corsários) que realizaram as primeiras penetrações no rio São Francisco, de 1656 a 1661. Em 24 de Abril de 1875, Santana torna-se Vila pela resolução nº 681, desmembrando-se do território de Traipu, com estrutura própria político-administrativa, com poderes para arrecadar tributos, prestar contas deles ao erário estadual, eleger intendentes – atuais prefeitos – e conselheiros – atuais vereadores. O nome da cidade foi sofrendo modificações desde 1787 até meados de 1921 quando a vila recebeu título de cidade, passando a se chamar Santana do Ipanema.

A economia do município é embasada na agropecuária e no comércio. Na agricultura destacam-se o feijão e o milho. O algodão já foi um plantio importante que garantia a complementação financeira da região, mas foi disseminado pela praga de um inseto chamado “bicudo”. Atualmente existem vários programas para geração de emprego e renda; dentre eles a avicultura caipira, ovinocaprinocultura do leite e de carne, bovinocultura de leite e apicultura, caracterizando-a como uma comunidade tradicional sertaneja.

Está situada a 207 km da capital do estado, Maceió, dispondo de uma área territorial de 437,875 km<sup>2</sup>, resultando em uma densidade demográfica de 102,61 habitantes por quilômetro quadrado. Atualmente, a população estimada de Santana do Ipanema é de 47.910 habitantes. Vale ressaltar que a cidade foi objeto de estudos sociolinguísticos de Pelayes (2016) e Oliveira; Oliveira (2021).

---

<sup>4</sup>Fulni-Ô em Yaathe quer dizer: Povo que vive na beira do rio.

Figura 1. Mapa das cidades de Alagoas.

Destaca-se a microrregião de Santana do Ipanema, localizada no médio sertão alagoano, definida por número 2 na legenda.



Fonte: Encontra AL. Disponível em: <https://www.encontraalagoas.com.br/mapas/mapa-cidades-do-alagoas.htm>

### 3.2 Amostra da pesquisa

De acordo com Guy e Zilles (2007) em termos estatísticos, 5 colaboradores por célula são suficientes em uma amostra, se elencados bons critérios no que diz respeito às variáveis envolvidas. Dessa forma, no intuito de representar a comunidade linguística, foram coletados dados, por meio de entrevistas semiestruturadas, de 20 participantes, os quais foram divididos em quatro células para análise estatística: 5 homens e 5 mulheres de 22-48 anos; 5 homens e 5 mulheres com mais de 52 anos; todos os participantes eram nascidos em Santana do Ipanema, ou seja, pertencentes à região sertaneja do estado de Alagoas.

A coleta de dados com os 20 colaboradores se deu entre dezembro de 2021 e fevereiro de 2022. Todos os colaboradores foram voluntários e permitiram a gravação e utilização dos dados assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>5</sup> - TCLE.

Iniciamos com o preenchimento do questionário social para verificação das particularidades pretendidas de cada colaborador (a), como: idade, sexo, escolaridade etc. Logo após, o(a) colaborador(a) foi convidado(a) a fazer a leitura em voz alta de uma lista de palavras. Em seguida, ele (a) foi convidado (a) a ler, em voz alta, quando se sentisse à vontade, um texto curto que continha enunciados que possibilitaram a

<sup>5</sup> O TCLE desta pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com o número de CAAE: 53353621.7.0000.5208

produção da variante em estudo. Por fim, foi feita uma entrevista semiestruturada sobre aspectos históricos e pessoais dos colaboradores, permitindo evidenciar a sua relação com a cidade de Santana do Ipanema, a fim de coletar a fala mais natural do (a) participante possibilitando-lhe um ambiente favorável para a realização do fenômeno analisado.

É interessante destacar que o aspecto principal analisado nesta pesquisa foi a variável faixa etária, em detrimento do fenômeno da palatalização progressiva em Santana do Ipanema.

### 3.3 Tratamento dos dados

Todo o material coletado foi transcrito ortograficamente. Em seguida, foi feita a transcrição fonética dos itens lexicais com ambiente favorável para a palatalização progressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/ e por fim, foram analisados estatisticamente pelo programa *Goldvarb X*.

Nesses dados, a palatalização das oclusivas alveolares realizou-se em dois contextos; ou com a presença da fricativa alveolar /S/ ou da semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas, o que caracteriza uma típica palatalização progressiva. Este fenômeno pôde ser observado através de formas linguísticas como “agos[t]o”, “prefei[t]o”, “muj[t]o”, vis[t]o, entre outras.

Em relação ao instrumento de análise dos dados, optamos pelo programa computacional *Goldvarb X*, que oferece tratamento estatístico aos dados linguísticos variáveis analisados sob a perspectiva da Teoria da Variação.

De acordo com Scherre (2012, p. 4-5) o *GOLDVARB X* tem funcionamento simples, sem limites conhecidos de fatores em cada variável independente e sem limites de células (conjunto de contextos idênticos codificados), no entanto, não possui ainda um módulo de análise de três, quatro ou cinco variantes (análise multinomial) em termos de pesos relativos. Assim, o *GOLDVARB X* só efetua a análise de pesos relativos de duas variantes (binominal), em um nível (*one level*) ou em múltiplos níveis (*up and down*), mas calcula as frequências absolutas e relativas brutas de até nove variantes na variável dependente.

Os dados selecionados foram submetidos ao programa *Goldvarb X*, o qual realizou a contagem dos dados, contabilizando 1462 dados, seguido da verificação da sequência de codificação e a quantidade de fatores para análise, contabilizando 8 fatores além da variável dependente. Vale destacar que neste estudo só será tratado o resultado referente à variável faixa etária.

Em seguida, foi realizada uma rodada a fim de verificar a existência de *Knockouts* “fator que num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (Guy; Zilles, 2007, p. 158). Resolvidos



os *Knockouts*, foi realizada uma rodada final para obter os percentuais e os pesos relativos referentes aos dados obtidos para a pesquisa.

## 4 Análise descritiva e discussão dos dados

De acordo com o modelo variacionista de Labov (2008 [1972]), consideramos que os elementos geográficos, socioeconômicos e socioculturais são tão importantes quanto os fatores linguísticos no que diz respeito à influência na produção de determinadas variantes na fala dos colaboradores. Sendo assim, os estudos em SV buscam investigar de que maneira os processos de variação linguística estão atrelados aos aspectos sociais e até que ponto tais aspectos sociais podem interferir no uso linguístico de determinada comunidade de fala.

Nos estudos sociolinguísticos, o fator Faixa Etária é significativo para apontar a tendência de variação ou mudança linguística dos fenômenos variáveis. Quanto à variável idade, investigamos a estratificação da faixa etária como variável contínua, considerando colaboradores com idades entre 22 - 48 anos e colaboradores com 52 anos de idade ou mais, a fim de demonstrar o comportamento da variável dependente em tempo real, observando como ela se comporta nas duas faixas etárias analisadas.

A variável faixa etária tem demonstrado ser significativa em vários trabalhos sobre a palatalização das oclusivas alveolares, condicionando a realização de variantes palatalizadas com a idade do colaborador. No que diz respeito à palatalização progressiva, pesquisas como a de Henrique; Hora (2012), Souza Neto (2014), Oliveira (2017) e Souza Neto (2020) têm demonstrado que os colaboradores mais velhos apresentam uma preferência pelas formas palatalizadas.

Dessa forma, nossa hipótese é que a palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema também esteja relacionada à idade do colaborador, acreditamos que quanto maior a idade do informante, maior a possibilidade de uso da variante palatalizada.

Observamos um comportamento diferente no que diz respeito à aproximante [j] e a fricativa /S/, assim como apontado no estudo de Oliveira (2017). Por esse motivo, fizemos rodadas separadas e seguiremos as análises de cada contexto separadamente.

### 4.1 Análise dos dados com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.

A variável faixa etária foi selecionada pelo programa Goldvarb X como significativa estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares, a qual apresentou muita influência no que diz respeito ao processo de palatalização com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.

Nossa hipótese inicial de que quanto maior a idade do colaborador, maior será o

favorecimento no processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, Alagoas, foi confirmada.

Na tabela 1, apresentamos os índices estatísticos referentes à variável faixa etária registrados nas ocorrências.

**Tabela 1** - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável faixa etária em palavras com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.

Faixa etária	Aplic. / Total	%	Peso Relativo
1ª(22 a 48anos)	23/398	5,8	0.369
2ª(52 anos ou mais)	53/363	15,8	0.654
<b>Total</b>	76/734	10,4	

Input: 0.061; Significância: 0.029

Log. Likelihood: -198.812

**Fonte:** Autor (2023)

Os valores da tabela 1 confirmam uma maior produtividade da segunda faixa etária analisada (52 anos ou mais) no processo de palatalização da oclusiva alveolar /t/, pois das 363 ocorrências, obtivemos 53 realizações palatalizadas, apresentando um percentual de 15,8% de aplicação da regra de palatalização. Em contraposição, os valores referentes à primeira faixa etária analisada (22-48 anos) são menos significativos, uma vez que das 398 ocorrências registradas, obtivemos 23 realizações palatalizadas, alcançando um percentual de 5,8%.

Analisando os valores referentes aos pesos relativos obtidos nesta variável, observamos um favorecimento aparente da 2ª faixa etária no que diz respeito à palatalização das oclusivas alveolares sob o índice de 0.654. Quanto à 1ª faixa etária, obtivemos o índice de 0.369. Sendo assim, podemos afirmar que as pessoas com mais de 52 anos são favorecedoras do processo de palatalização, enquanto as pessoas entre 22 e 48 anos são inibidoras deste processo na região estudada.

É interessante destacar que durante as entrevistas realizadas, observamos um julgamento mais acentuado, como por exemplo: “isso não existe”, “teria que ter um H no meio da palavra”, no que diz respeito à variação linguística, pelos colaboradores da primeira faixa etária analisada, motivo pelo qual pode-se inferir que estes produziram menos variantes palatalizadas por demonstrarem aversão a esta forma linguística. Enquanto, os colaboradores da segunda faixa pareciam não se importar com a estigmatização vinculada a este tipo de produção. No entanto, não foram feitos testes

de percepção, ao passo que as afirmações registradas aqui se referem às atitudes linguísticas dos colaboradores durante a coleta de dados.

De modo geral, no que diz respeito às duas faixas etárias, observamos que a 2ª faixa etária, ou seja, os colaboradores mais velhos produziram mais variantes palatalizadas, corroborando com os resultados obtidos em Oliveira (2017) de que quanto maior a idade do falante, menor é o efeito da escolarização na sua produção de fala, enquanto o público mais jovem tende a evitar este tipo de produção.

Dessa forma, confirmamos nossa hipótese inicial de que o público mais velho é favorecedor do processo de palatalização em Santana do Ipanema.

#### 4.2 Análise dos dados com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.

A variável faixa etária foi o primeiro grupo de fatores, no contexto analisado, a ser selecionado pelo programa Goldvarb X como significativo estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares, ou seja, foi o grupo de fatores que apresentou maior influência no processo de palatalização das oclusivas alveolares nas palavras em que a semivogal [j] estava em posição anterior às oclusivas.

Nossa hipótese inicial de que quanto maior a idade do colaborador, maior será o favorecimento no processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, Alagoas, foi confirmada.

Na tabela 2, apresentamos os índices estatísticos referentes à variável faixa etária registrados nas ocorrências.

**Tabela 2** - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável faixa etária em palavras com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.

Faixa etária	Aplic. / Total	%	Peso Relativo
1ª (22-48 anos)	19/369	5,1	0.239
2ª (52 anos ou mais)	122/359	34,0	0.767
<b>Total</b>	141/728	19,4	

Input: 0.121; Significância: 0.003

Log. Likelihood: -282.308

Fonte: Autor (2023)

Os valores da tabela 2 confirmam uma maior produtividade da segunda faixa etária analisada (52 anos ou mais) no processo de palatalização da oclusiva alveolar /t/,

pois das 359 ocorrências, obtivemos 122 realizações palatalizadas, apresentando um percentual de 34% de aplicação da regra de palatalização, número bastante elevado em comparação com os resultados obtidos para esta variável quando a fricativa /S/ ocupa a posição anterior às oclusivas alveolares, indicando que no contexto em que a semivogal [j] ocupa esta posição, a produção de variantes palatalizadas sobe em 18,2%.

Os valores referentes à primeira faixa etária analisada (22-48 anos) são menos significativos, uma vez que das 369 ocorrências registradas, obtivemos 19 realizações palatalizadas, alcançando um percentual de 5,1%, apresentando uma queda de 0,7% em comparação com os resultados desta variável quando a fricativa /S/ está em posição anterior às oclusivas. Portanto, podemos afirmar, a partir dos percentuais obtidos, que o contexto em que a fricativa /S/ engatilha o processo é menos produtivo no que diz respeito à palatalização das oclusivas alveolares.

Apesar de haver maior produtividade da variante palatalizada no contexto em que a semivogal [j] ocupa a posição de gatilho do processo de palatalização, acreditamos que neste contexto há uma desvalorização social por parte dos falantes no que se refere à variante palatalizada, uma vez que os comentários com avaliação negativa foram mais numerosos nesse contexto. Nesse sentido, concordamos com as afirmações de Oliveira e Oliveira (2021, p.10) de que “a palatalização progressiva das oclusivas alveolares precedidas de /j/ sofre pressões sociais negativas e se encontra em crescente resistência nos ambientes educacionais, afetando principalmente os mais jovens”.

Analisando os valores referentes aos pesos relativos obtidos nesta variável, observamos um favorecimento aparente da 2ª faixa etária no que diz respeito à palatalização das oclusivas alveolares sob o índice de 0.767. Quanto à 1ª faixa etária, obtivemos o índice de 0.239. Sendo assim, podemos afirmar que as pessoas com mais de 52 anos são favorecedoras do processo de palatalização, enquanto as pessoas entre 22 e 48 anos são inibidoras deste processo na região estudada.

Contrastando os resultados obtidos nesta variável com a análise feita por Oliveira (2017) no contexto em que a semivogal [j] ocupa a posição de gatilho do processo de palatalização, observamos que há uma influência educacional ligada à idade dos colaboradores, uma vez que a probabilidade de palatalização das oclusivas alveolares em pessoas de nível superior com idade entre 36 e 55 anos chega a 0.3, enquanto com o público de 18 a 35 anos, esse número cai para 0.1. No mesmo viés, a pesquisa de Oliveira e Oliveira (2021) aponta para uma diminuição do efeito da escolaridade em colaboradores mais velhos. Ambos os resultados das pesquisas supracitadas, corroboram com os índices obtidos neste estudo.

## 5 Considerações Finais

O principal objetivo desta pesquisa foi apresentar uma análise variacionista do fator faixa etária em relação aos processos de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, com o intuito de investigar e descrever as correlações linguísticas e sociais que condicionam o processo. Uma vez investigado o processo de palatalização progressiva, ficou evidente que há dois ambientes propícios para a emergência do fenômeno em Santana do Ipanema, são eles: com a fricativa /S/ em posição de gatilho e a com a semivogal [j] nesta mesma posição.

Ao analisar os dois ambientes separadamente, observamos um comportamento diferente do fenômeno, apresentando particularidades de condicionamento da regra para cada contexto e apontando indícios de que o processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto fonológico progressivo diante de fricativa /S/ em posição de gatilho não tem a mesma desvalorização social que o processo de palatalização quando tem uma semivogal [j] nesta mesma posição. Vale ressaltar que não foram feitos testes de percepção para validar esta hipótese. Dessa forma, esta constatação foi feita a partir da observação das atitudes linguísticas dos colaboradores durante as entrevistas. Sendo assim, seguimos as análises averiguando quais fatores influenciam ou inibem o processo em contexto de fricativa e em contexto de semivogal.

A segunda faixa etária, ou seja, os colaboradores mais velhos, demonstraram forte influência no processo de palatalização das oclusivas alveolares em ambos os contextos analisados, sendo o fator mais influente quando em contexto de semivogal [j].

É interessante ressaltar que todos os colaboradores desta pesquisa possuíam nível superior completo, ou seja, não contrapomos o fator escolaridade nas análises, no entanto, foi possível observar que quanto maior a idade do colaborador, menor é a influência da escolaridade em seus usos linguísticos, uma vez que os colaboradores mais velhos utilizam com mais frequência as variantes palatalizadas.

Dessa forma, esta pesquisa ratificou nossa hipótese de que quanto maior a idade do falante, maior é o emprego das variantes palatalizadas em Santana do Ipanema, Alagoas.

## Referências

- CAMACHO, R. G. **Sociolinguística Parte II**. In: MUSSALIM, F; Bentes, A. C.; *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- CAMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. – 15. ed. – Vozes: Rio de Janeiro, 1970.
- GUY, G.R. **A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística**.v. 28 e 29. p. 17-32. *Organon*, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, 2000.
- HENRIQUE, P; HORA, D. **Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense**. In: XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2012, Natal-RN. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 04 a 07 de setembro de 2012. Natal: EDUFRN, 2012.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARROQUIM, M. **A Língua do Nordeste**. Série. V. Vol. XXV. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1934.
- MOTA, J; ROLEMBERG, V. **Variantes africadas palatais em Salvador**. In: HORA, D. da. (Org.) *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 131 - 140.
- OLIVEIRA, A. A. **Processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.
- OLIVEIRA, A. A. OLIVEIRA, A. J. de. **Variação diatópica e o processo de mudança na valorização social da palatalização progressiva em Alagoas**. *Alfa*, v.65. São Paulo, 2021.
- PELAYES, G. T. **Apagamento do fonema /d/ em verbos gerundiais no português brasileiro: variantes rural e urbana em Santana do Ipanema**. *Revista Diversitas Journal*, v.1, n.2, 2016.
- SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista**. *Revista Tabuleiro de Letras*. n. 4. 2012.
- SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiros de estudos e guias de exercícios**. – 8. ed. – Contexto: São Paulo, 2005.
- SOUZA NETO, A. F. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju – Sergipe**. Aracaju: Editora UFS, 2014.

\_\_\_\_\_. *Africadas [tʃ] e [dʒ] no Português falados por sergipanos idosos.*  
Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística.** - 8. ed.- Ática: São Paulo, 2009.

WEINREICH, U; LAVOB, W; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução: Marcos Bagno. 1. Ed. Parábola Editorial: São Paulo, 2006.



## A question of time: age and the progressive palatalization process in the hinterland of Alagoas.

### ABSTRACT:

This work aims to investigate the process of palatalization of alveolar occlusives produced in Brazilian Portuguese spoken in Santana do Ipanema, sertaneja community in the interior of Alagoas, from the perspective of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), contrasting the linguistic data collected with the age variable. Previous research has pointed to a greater productivity of progressive palatalization in the Northeast (SANTOS, 1996; MOTA; ROLEMBERG, 1997; HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014; OLIVEIRA, 2017; SOUZA NETO, 2020; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2021). In this city, the most recurrent use is that of progressive palatalization, in which the phonological element that triggers the process is located in a position prior to the alveolar occlusives, in words like “gos[tʃ]o” and “fes[tʃ]a” and are mainly conditioned by the contributor's age. Data collection took place through semi-structured interviews, such data were statistically analyzed with the help of the Goldvarb X Program. Two contexts were observed that trigger the process in Santana do Ipanema, they are: the semivowel [j] in a position before the occlusives and the fricative /s/ in this same position. From the statistical analyses, it is possible to perceive that the two investigated contexts present different behaviors regarding the palatalization of alveolar occlusives, a result that corroborates the study by Oliveira (2017) and Oliveira; Oliveira (2021). It was concluded that the phenomenon of progressive palatalization in Santana do Ipanema is more accentuated as the speaker's age increases.

### KEYWORDS:

Variationist  
Sociolinguistics;  
Palatalization;  
Linguistic variation.